SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

03/06/2015 - Telesíntese

Orange estuda compra da Telecom Italia

A holandesa KPN e a belga Belgacom também estariam no radar do grupo francês.

A operadora francesa Orange cogita comprar a Telecom Italia, dona da TIM Brasil. A informação foi repassada ao jornal britânico Financial Times por Gervais Pellissier, head da Orange. De acordo com o executivo, além da italiana, estariam também no radar de aquisições a holandesa KPN e a belga Belgacom. "Nos próximos cinco anos haverá uma consolidação intra-europeia", previu a jornalistas ontem.

Segundo ele, a medida é necessária para as operadoras que planejam competir em uma Europa com mercado comum de telecomunicações estabelecido. A tele é a segunda maior do continente em número de usuários, com 28,2 milhões de clientes – no mundo, tem 188 milhões. Apenas a Deutsche Telekom é maior, com 56,8 milhões.

Em março, o CEO da empresa, Stephane Richard, também manifestou interesse na Telecom Italia, que negou a existência de negociações. Pellissier disse aos jornalistas que falta ainda convencer os reguladores locais a apoiar a ideia. "O discurso oficial de que o novo corpo em Bruxelas [sede executiva da União Europeia] não é completamente verdadeiro", falou.

Ele afirmou acreditar que a visão dos líderes políticos europeus continua a ser por mais operadoras na região. Ele disse que em alguns países ter quatro grandes operadoras é algo insustentável, e cita a França como exemplo. Ali, acredita, haverá uma consolidação em breve, mas que não deve envolver a Orange.

05/06/2015 - Vermelho

Caixa Econômica Federal lucra R$ 1,5 bilhão no primeiro trimestre

A Caixa Econômica Federal teve lucro líquido de R$ 1,5 bilhão no primeiro trimestre, resultado praticamente estável em relação ao de R$ 1,51 bilhão registrado no mesmo período de 2014. O balanço do banco foi divulgado com três semanas de atraso.

Um dos dados mais aguardados era sobre a poupança da Caixa, principal fonte de recursos para a habitação. O saldo recuou de R$ 236,8 bilhões para R$ 233,2 bilhões, como havia adiantado a Folha de S.Paulo. O banco estatal tem 35,9% das poupanças brasileiras.

Embora os recursos da poupança tenham recuado significativamente, a Caixa informou que eles são suficientes para cobrir 136,3% de suas necessidades de recursos para a habitação.

Apesar da retração no crédito, os desembolsos do banco estatal para novos empréstimos superaram a marca do mesmo período do ano passado. No primeiro trimestre deste ano, a Caixa liberou R$ 113,5 bilhões, contra R$ 112,9 bilhões no primeiro trimestre de 2014.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

05/06/2015 - Portal Vermelho

Petrobras: programa reduziu queima de gás em 60% em 6 anos

O Brasil é atualmente um dos países que melhor aproveita sua produção de gás natural. Com a expressiva redução da queima de gás em plataformas, a Petrobras atingiu em fevereiro de 2015 a marca histórica de utilização de 96,5% de gás nas atividades de exploração e produção, considerando a produção total nos campos operados pela companhia.

O Programa de Otimização do Aproveitamento de Gás da Petrobras (POAG), em andamento desde 2010 nas unidades de operações da área de Exploração e Produção da região Sul-Sudeste, contribuiu decisivamente para o recorde. A iniciativa foi tema da palestra "A redução da queima de gás na Petrobras" (Reduction of Petrobras' gas flaring), apresentada pelo coordenador do Programa, Vitor Souza Lima, nesta sexta-feira (5), na Conferência Mundial de Gás (World Gas Conference – WGC 2015) em Paris, na França.

A estimativa com essa redução na queima é de que até o final de 2015 a Petrobras tenha conseguido evitar a emissão de quase 23 milhões de toneladas de CO2 para a atmosfera. "O objetivo do programa é aumentar o aproveitamento de gás natural nas atividades de Exploração e Produção da Petrobras. Como consequência, temos uma expressiva redução das emissões, além de uma maior oferta de gás ao mercado. Antes do início do POAG, metade das emissões de gases do efeito estufa era oriunda da queima de gás em tocha em nossas atividades de produção. Atualmente este número caiu para um sexto", explica Vitor Souza Lima, com base em dados da área de Segurança, Meio Ambiente e Saúde.

A queima de gás natural é inerente ao processo de produção na indústria do petróleo e ocorre por uma série de razões: segurança, emergência, anormalidades operacionais, manutenções programadas e no início de operação de novas plataformas (comissionamento).

A Conferência Mundial de Gás (World Gas Conference – WGC) é o maior evento sobre gás natural do planeta. A conferência, que acontece a cada três anos, reúne os principais especialistas no setor de gás. A edição deste ano, de 1o a 5 de junho, em Paris, conta com representantes de 100 países. A Petrobras participa do evento com a apresentação de três trabalhos técnicos e participação em cinco painéis.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

05/06/2015 - Carta Maior

Como um Picasso de US$ 179 milhões explica o aumento da desigualdade

O aumento astronômico dos preços das obras de arte é, em grande medida, a história do crescimento da iniquidade global.

A oferta de quadros de Picasso é fixa, mas a quantidade de pessoas com vontade e recursos para adquirir uma obra de altíssimo nível aumenta graças à distribuição da riqueza extrema. Um pouco de matemática aplicada ao mercado da arte.

Ainda não sabemos quem foi a pessoa que pagou US$ 179,4 milhões por um Picasso, no leilão da segunda-feira passada, nem de onde saiu o dinheiro, ou o que a motivou a gastar o que nunca ninguém havia gasto numa obra de arte leiloada.

O que nós sim sabemos é que o aumento astronômico dos preços das obras de arte mais buscadas, fenômeno percebido nas últimas décadas, é, em grande medida, a história do crescimento da iniquidade global. Em essência, é a mais simples matemática econômica. A oferta de pinturas de Picasso, ou esculturas de Giacometti (uma das quais foi vendida por US$ 141 milhões no mesmo leilão) é limitada, mas a quantidade de pessoas que as desejam e possuem riqueza extrema para poder adquirir uma obra de arte do máximo nível está aumentando graças à distribuição da riqueza extrema.

Uma das conclusões mais importantes dos principais estudiosos da desigualdade econômica é que a riqueza e a renda no segmento mais alto da sociedade são fractais. Isso quer dizer que na medida em que diminuímos o fono no extremo superior da distribuição da riqueza, os padrões passam a se repetir em proporções cada vez menores.

A renda média dos profissionais de um estúdio de advogados de prestígio, num patamar que os permite ser parte do 1% de maior poder aquisitivo, vem aumentando com mais rapidez que a dos consultórios dentários que leva os seus dentistas a formar parte dos 10% de mais alto patrimônio. Por uma margem similar, a renda dos altos executivos de uma grande empresa que está dentro do grupo de 0,1%, entre os mais ricos do Brasil, aumenta mais que a dos seus melhores e mais bem pagos advogados. E o de um administrador de ações de altíssimo risco, que se alinham com os 0,1% do topo da pirâmide, superam os altos executivos na mesma proporção.

E, digamos, os que vão melhor ainda são aqueles que podem se permitir o luxo de gastar um valor de nove dígitos por um Picasso. Esses não se alinham, eles são os 0,001% mais rico. Pode-se chegar a essa conclusão lendo as obras dos economistas franceses Thomas Piketty e Emmanuel Saez, ou talvez observando o mercado de obras de arte, especialmente a de um certo pintor espanhol.

Suponhamos, por um minuto, que ninguém seria capaz de gastar mais de 1% de seu patrimônio líquido total num único quadro. Seguindo essa hipótese, o comprador da obra "As Mulheres de Argel (Versão O)", pintada por Picasso em 1955, teria que ter uma fortuna de US$ 17,9 bilhões pelo menos. Isso já significaria que, baseado na lista de multimilionários da Forbes, só existem 50 compradores possíveis em todo o mundo.

Esse dado tenta ser ilustrativo, não literal. Existe gente disposta a gastar bem mais de 1% de sua fortuna num quadro: o magnata da jogatina Steve Wynn deu uma entrevista na que disse ter oferecido US$ 125 milhões pelo Picasso desta semana, o que representa um 3,7% do seu patrimônio líquido estimado. Também é provável que a lista da Forbes tenha erros ou não inclua as famílias ultramilionárias, que podem manter seus bens em segredo.

Mas o que se demonstra aqui é o quanto cresceu o grupo de possíveis compradores de obras de arte megamilionários desde, por exemplo, a última vez que esse Picasso foi arrematado, em 1997.

Depois de fazer o ajuste pela inflação e de utilizar a mesma premissa do 1% do patrimônio líquido, uma pessoa teria necessitado contar com uma fortuna de US$ 12,3 bilhões de dólares para adquirir a pintura em 1997. Se observamos a lista da Forbes daquele ano, somente umas doze famílias no mundo poderiam chegar a essa marca.

Em outras palavras, a quantidade de pessoas que, segundo esta maneira de calcular, poderia pagar sem dificuldades os 179 milhões de dólares por um Picasso aumentou mais de quatro vezes desde a última vez que a obra esteve à venda. Isso ajuda a explicar o preço que se pagou pelo quadro em 1997: apenas US$ 31,9 milhões da época, que, ajustados pela inflação, seriam US$ 46,7 milhões atuais. Simplesmente, havia menos pessoas na estratosfera da riqueza em condições de disputar a obra para levar o preço a um nível como o que alcançou em 2015.

Que haja mais gente com muitíssimo dinheiro podendo fazer uma oferta por um artigo de luxo acaba inevitavelmente fazendo os preços subirem. O leilão da segunda foi de obras de arte, contudo, a mesma dinâmica se aplica aos imóveis de luxo no centro de Londres ou em frente ao Central Park, ou às garrafas de Bordeaux da safra de 1982.

Assim, é possível explicar que a recente venda do Picasso significa um lucro de 462%, tomando em conta a venda da mesma obra em 1997, um lapso no qual o índice Standard & Poor's 500 apontou um rendimento de 215%, incluindo dividendos reinvestidos – a comparação não é a mais adequada, já que o quadro deve ter exigido gastos anuais em segurança, cuidados para sua exibição e armazenamento, além de um seguro, o que reduz sua rentabilidade, por outro lado, o Picasso se vê melhor na parede da sala que no folheto de um fundo de investimentos

O que isso significa para o futuro? Claro que não se pode prever que ânimos terão os do mundo dos que podem pagar milhões de dólares por uma tela pintada. Os preços das obras de arte são vulneráveis às tendências, por exemplo. Os Picassos poderiam sair relativamente de moda nos próximos anos, e nesse caso o comprador anônimo desta semana não obteria o mesmo tipo de retorno financeiro excepcional que o dono anterior teve.

Também devem ser considerados os riscos legais. Na atualidade, o governo chinês está tomando medidas enérgicas contra a corrupção oficial e, em particular, contra os surtos de ostentação da riqueza, o que poderia afetar a demanda chinesa de obras de arte nos anos vindouros. As autoridades dos Estados Unidos e da Europa possivelmente estarão dispostas a dedicar empenho em evitar que as operações de compra e venda de obras de arte sejam utilizadas para lavar dinheiro ou evadir impostos, manobras que passaram a ser uma constante, segundo o economista Nouriel Roubini.

Com tudo isso, qualquer megamilionário que gaste valores astronômicos por um quadro ou uma escultura famosa, ou de um autor conhecido, deveria esperar que essa tendência básica da iniquidade internacional se mantenha intacta: que a riqueza dos ultrarricos siga crescendo mais rápido que a economia do resto da população mundial, pois assim sempre haverá outro possível comprador, com potencial para alimentar uma briga eletrizante como a que se viu nesta semana.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

Brasil tem 7,7 mil de refugiados, vindos de 81 países, aponta Ministério da Justiça

Número de solicitações de refúgio ao país cresceu 22 vezes entre 2010 e 2014. A maioria dos refugiados é de sírios, que estão no estado de São Paulo

O número de solicitação de refúgios ao governo brasileiro aumentou 22 vezes entre 2010 e 2014, passando de 1.165 para 25.996, de acordo dados do Ministério da Justiça, divulgados hoje (3), em debate promovido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), em São Paulo. O país recebeu mais pedidos de refúgio do que a Austrália e quase a mesma quantidade do Canadá, sendo o mais solicitado da América Latina.

Ao todo, o Brasil tem hoje 7,7 mil de pessoas refugiadas de 81 países, de acordo com o último levantamento do Comitê Nacional para os Refugiados, ligado ao Ministério da Justiça, que reuniu dados até maio deste ano. A maioria deles são da Síria (23%), seguida por Colômbia, Angola e República Democrática do Congo.

"É uma lógica diferente dos imigrantes, que saem dos seus países para tentar uma vida melhor nos países desenvolvidos. Os refugiados se deslocam para tentar salvar suas vidas. São vítimas de alguma tragédia humana que os forçou a deixar seu país. Essa é, para eles, a última opção", afirmou o representante do Acnur no Brasil, Andrés Ramirez. "O Brasil está oferecendo um bom exemplo para os outros países, sobre uma postura humanitária, que entende que essas pessoas estão tentando salvar suas vidas."

De acordo com a ONU, desde 2013 o Brasil se tornou um importante centro de acolhida de refugiados. Se o país fosse incluído em um relatório do Acnur lançado no ano passado sobre tendências de refúgio, que analisou apenas os 44 países mais industrializados, ele ocuparia da 16ª posição quanto ao maior número de solicitações de refúgio. A maioria das solicitações foi apresentada aos estados de São Paulo (36%), Acre (16%), Rio Grande do Sul (11%) e Paraná (7,5%).

Um dos principais desafios é criar mecanismos para agilizar os processos de solicitação de refúgio e garantir aos migrantes a legalização de sua situação no menor tempo possível, de acordo com o diretor adjunto do departamento de estrangeiros do Ministério da Justiça, Paulo Guerra. Atualmente, o ministério consegue atender, em média, apenas 15 solicitantes por dia.

"Temos cinco profissionais que fazem análise dos processos de refúgio e que determinam a legalidade dos casos. Com esse número, eu não consigo chegar nem perto de suprir as necessidades que o país tem. Não precisamos só de mais pessoas, mas também precisamos mudar o processo de averiguação das solicitações de refúgio, para torná-los mais efetivos e eficientes. São esses os estudos que estão sendo feitos agora", afirma Guerra.

São Paulo é o estado com o maior número de pessoas solicitantes de refúgio, um total de 3.809. A capital paulista é, por sua vez, a cidade com mais solicitantes (3.276), seguida por Campinas (218) e Guarulhos (178).

O número de solicitações de refúgio no estado aumentou mais de 1.000% entre 2010 e 2014, saltando de 310 pedidos para 3.612. A maioria dos solicitantes de refúgio em São Paulo são da Nigéria (1.075), seguidos por grupos da República Democrática do Congo (28), Líbano (245) e Gana (185).

No mundo

O deslocamento forçado no mundo no ano passado foi o maior já registrado, atingindo 59,5 milhões de pessoas, mais do que a população da Inglaterra. Só em 2014, 13,9 milhões de pessoas foram obrigadas a deixar suas cidades pela primeira vez, muitas vezes fugindo de conflitos, desastres naturais ou epidemias.

De acordo com o Acnur, em 2010 pelo menos 10,9 mil pessoas eram obrigadas a deixar suas casas por dia. Em 2014, esse total atingiu 42,5 mil pessoas, diariamente. Os países que mais recebem pedidos de refúgio são, na ordem, Rússia, Alemanha, Estados Unidos e Turquia.

Mais da metade (53%) dos refugiados do mundo se dividem em três nacionalidades: sírios (3,88 milhões, ou um em cada cinco refugiados), afegãos (2,59 milhões) e somalis (1,9 milhão).